

Técnico prega calote no Governo

DEOLINDA SARAIVA
Correspondente

Rio — “Os empresários — essa grande elite passiva nacional — deveriam dar um calote saudável no Governo e deixar de aplicar seu excesso de caixa, por um determinado tempo, em títulos públicos”. A sugestão foi feita pelo economista da FGV, Paulo Rabello de Castro, durante seminário promovido pela Associação Comercial do Rio, em que quatro nomes do pensamento econômico, de correntes diversas, afinaram no mesmo coro de críticas ao arrocho salarial, à recessão já instalada e ao descontrole da inflação, propondo, como solução urgente um pacto entre empresários e trabalhadores sem a interferência do Governo.

Sob o tema “Trabalho e Pro-

dução”. Walter Barelli, diretor do Dieese, Dionísio Dias Carneiro e Eduardo Modiano, ambos da PUC-RJ, além de Rabello de Castro, discutiram durante quatro horas as perspectivas econômicas, chegando à conclusão de que a queda de investimentos, que poderá se agravar ainda mais no próximo ano, a dificuldade do Governo em manter a inflação sob controle e a crise política vivida pelo País fazem com que seja necessário um acordo sobre produção, manutenção do crescimento e ganho salarial unindo patrões e empregados.

“O investimento de hoje é o emprego de amanhã e o que está ocorrendo no Brasil é crime de lesa-pátria pois a recessão provocada atualmente se traduzirá em problemas futuros”, analisou Barelli. Para o sindicalista a questão principal não

se resume apenas ao controle da inflação, que “é a capa que esconde a dificuldade do Governo em organizar a economia”. Mas Barelli observa que o pacto, para ser viável, necessita de um sindicalismo forte e empresariado aberto — os dois com presença política no cenário nacional, através de representantes no Governo — o que não ocorre atualmente.

Dionísio Dias Carneiro acredita que o problema principal a ser enfrentado pelo Governo é a superação dos conflitos distributivos internos. “O maior desafio é recuperar o nível real de salários, sem explosão inflacionária, com medidas paralelas de recuperação econômica a longo prazo”, disse, acrescentando que o Estado é a “madrinha da ilusão”, ao traçar rumos de desenvolvimento iníquos voltados para o imediatismo.